



NARRATIVA, NA VIDA ADULTA, DA VIVÊNCIA DE ORIENTAÇÃO RELIGIOSA NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA

JÚLIA MARIA CASULARI MOTTA,¹ EDISON SARAIVA NEVES,² ÉRICA MONTEIRO DE ALMEIDA³
E JANINE RODRIGUES⁴

RESUMO

Introdução. A possibilidade de orientação religiosa e espiritual de crianças e adolescentes pode ser um dos aspectos da educação humana. Pesquisar esse processo é uma necessidade, visto que vivemos em um país onde essa prática é comum à nossa cultura.

Objetivo. Estudar como adultos narram suas vivências religiosas na infância e na adolescência em uma entidade religiosa.

Método. Avaliaram-se adultos que, nas décadas de 80 e 90, durante a infância e adolescência, viveram experiência religiosa na entidade Centro Espírita Beneficente União do Vegetal (CEBUDV). Utilizaram-se entrevistas semiestruturadas, respondidas pela internet. Foram enviados 301 questionários a 26 núcleos da entidade religiosa avaliada. Foram estudadas 173 (57,6%) narrativas de voluntários.

Resultados. Observou-se a necessidade de integração entre pais, instituição e crianças e jovens nas atividades de orientação religiosa e espiritual. Foi contemplada a importância de atividades que facilitem vínculos de amizade entre as crianças e entre os jovens, bem como as atividades que preparem os jovens para a vida profissional, para que atuem como cidadãos participativos, com ética e consciência crítica.

Conclusões. A orientação religiosa e espiritual é fase importante do desenvolvimento humano e pode interferir na arte de educar crianças e jovens no caminho da construção de um mundo melhor com a construção ativa da paz.

Palavras-chave. Orientação religiosa e espiritual; narrativa de vivência; União do Vegetal; pesquisa via internet.

ABSTRACT

NARRATIVE IN THE ADULT LIFE OF THE EXPERIENCE OF RELIGIOUS ORIENTATION DURING CHILDHOOD AND ADOLESCENCE

Introduction. The existence of the religious orientation of children and adolescents is a possible aspect of the human education. Studying the process is a necessity, given that we live in a country where such practice is common to our culture.

Objective. Research how various adults, who experienced during the decades of 80 and 90 a religious experience at União do Vegetal -UDV, recall their memories of youth and adolescence in this community.

Method. Through semi-structured interviews, carried over internet, 173 volunteer statements were studied. Overall, 301 questionnaires were sent to 26 different UDV centers.

Results. In this study a profile of the subjects was determined showing, most importantly, the need for integration among parents, institutions and children and youth in the activities of religious orientation. It was mentioned in several occasions the importance of activities that facilitate and strengthen bonds and friendship between children and youth. Also, the ones which prepare them for a professional career, the creation of ethics with a critical conscience that result in participant citizenship.

Key words. Religious orientation; narrative of experience; União do Vegetal; internet research.

¹ Júlia Maria Casulari Motta, psicóloga, Doutora em Saúde Coletiva pela UNICAMP, pesquisadora no LAPACIS-FCM-DMPS-UNICAMP, membro do Corpo do Conselho da UDV no Núcleo Alto das Cordilheiras, Campinas, SP. Correspondência: rua Rosa de Gusmão, 307 CEP 13073-141 Campinas, SP. Fone/fax (19)32428461. Internet:juliacmotta@gmail.com

² Edison Saraiva Neves, médico homeopata, mestre da Sede Geral da UDV, coordenador geral do Ensino Religioso e da lista GTER do CEBUDV.

³ Érica Monteiro Sacco de Almeida, educadora de Arte, gerente de gestão administrativa da lista GTER de ensino religioso da CEBUDV e GTER pesquisa. Membro do Corpo do Conselho da UDV do Núcleo Grande Ventura, Jarinu, SP.

⁴ Janine A. Rodrigues, bacharela e especialista em Direito, técnica judiciária, mestranda em Desenvolvimento Sustentável, professora de Direito Constitucional, Administrativo e Previdenciário, Gerente da lista GTER pesquisa. Membro do Corpo Instrutivo da CEBUDV no Núcleo Coroa Divina, Paraná

Recebido em 00-0-0000. Aceito em 00-0-0000.

INTRODUÇÃO

A presença do conceito de espiritualidade e religiosidade nas diversas formas de organização social é constante na história do desenvolvimento humano. As ciências humanas, de diversas maneiras, têm se dedicado a conhecer como se dá esse processo. Também as ciências humanas não podem desconsiderar a presença de conceitos próprios da filosofia em sua gênese.

Atualmente, constata-se a crescente formação de novas propostas religiosas que atraem segmentos sociais diversos. Algumas respondem a inquietações dos menos favorecidos economicamente e educacionalmente. Outras atraem segmentos sociopolíticos e econômicos diversos.

Quais os apelos mais significativos que essas instituições apresentam? Quais as necessidades familiares e individuais que as diversas práticas religiosas buscam responder? Como serão os adultos que vivenciam na infância e na adolescência uma comunidade religiosa? Como esses adultos narram suas experiências religiosas e de espiritualidade da infância e adolescência? Quais processos limitadores foram desenvolvidos com base nessas experiências na infância e na adolescência? Quais as contribuições significativas que elas trazem aos adultos no enfrentamento das adversidades da vida? Será possível pensar que os processos de saúde dessas pessoas contam com um recurso a mais?

No Brasil, são muitas as perguntas e poucas as respostas sobre esse aspecto da formação humana. Mas o tema tem merecido destaque crescente e conta com um periódico nacional, *Religião e Sociedade*, criado em 1977 pelo Centro de Estudos da Religião (CER) e que é editado, atualmente, pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER).

Em todas as formas de sociedade, as crianças e os jovens aprendem nas redes sociais em que estão inseridos, notadamente as redes familiares e escolares. Além dessas redes, contam com os átomos sociais e familiares que definem mais claramente a singularidade dos vínculos, seus recursos e limites na forma de andar na vida.

É bem conhecida a máxima da psicologia segundo a qual as vivências da infância e da adolescência tendem a marcar a formação do indivíduo de maneira central. Critérios éticos e morais, códigos de fidelidade e lealdade, critérios de vinculação com as pessoas e com a natureza tornam as pessoas mais participativas nos processos de transformações sociais.¹ Crianças e jovens que convivem em

determinado ambiente religioso serão adultos mais integrados ao social? Qual será seu conceito de cidadania?

Em artigo derivado de sua tese de doutorado sobre o entendimento e a experiência religiosa, fundamentado no ponto de vista das crianças, Pires² sugere que é possível estudar a faceta religiosa na formação das crianças, com base na fala destas. Propõe que é necessário não traduzir as crianças, mas estudar respeitando seu processo, que não é o mesmo do adulto. Para a criança o conteúdo simbólico das religiões não está em jogo. Ao contrário, o que está em jogo é o conjunto de atividades envolvidas no frequentar a sociedade religiosa.

Para a criança importa com quem vai à comunidade religiosa, com quem se relaciona durante o tempo em que está no grupo e quais as atividades em que estão juntos. A centralidade do processo lúdico como forma de aprendizagem e de sociabilidade é mantida nesse contexto.

As sociedades primitivas e as crianças guardam fidelidade ao processo integrado de construção da socialização e aprendizagem religiosa, sem separar os contextos religiosos dos sociais. Aqui, conhecer é viver, experimentar. O que importa é o jogo vivencial em si, a experimentação e não o que é simbolizado a partir do vivido. O jogo, o lúdico encerra em si sua gratificação, dispensando outras possibilidades elaborativas.³

Conforme Pires,² “à medida que a criança cresce, a prática vai se tornando subordinada ao seu significado”.² Quer dizer que o sentir da vivência passa a dar lugar ao pensar religioso simbolizado. Deixa de ser uma religiosidade vivencial para ser um pensar religioso.

Este trabalho tem como objetivo contribuir para o conhecimento mais amplo da história da formação religiosa e da espiritualidade pela narrativa de adultos que participaram de uma instituição religiosa na infância e ou na adolescência.

MÉTODO

A pergunta básica na pesquisa foi: Como um adulto narra sua experiência religiosa vivida na infância e ou na adolescência no âmbito de um centro religioso, no caso, o Centro Espírita Beneficente União do Vegetal?

Foram elegíveis para a pesquisa homens e mulheres, com idade de 18 a 35 anos, que viveram a infância e ou juventude na UDV, nas décadas de 80 e 90, independentemente de estarem participando da instituição.



Foi elaborado um questionário semiestruturado em que se avaliaram os seguintes itens em relação à atividade do participante na entidade religiosa: (1) atividades de que gostava quando criança; (2) atividades de que não gostava quando criança; (3) atividades de que gostava quando jovem; (4) atividades de que não gostava quando jovem; (5) como você seria como responsável pelas atividades com as crianças; (6) como você seria como responsável pelas atividades com os jovens.

Utilizaram-se os contatos em lista de conversa mantida pela sociedade religiosa que, na ocasião, era composta de 691 participantes: gtsinoreligioso@googleroups.com. Em cada núcleo, o gerenciamento para a distribuição e recolhimento dos questionários foi realizado por voluntários que ali atuam normalmente.

Iniciou-se o envio dos questionários e das instruções por via da internet a cada pesquisador, que os encaminhou para a lista dos sujeitos do seu núcleo, obedecendo-se ao critério de participação voluntária. O responsável em cada núcleo reuniu as respostas individuais em um quadro-resumo. Encaminhou os questionários individuais e o quadro-resumo para a coordenação da pesquisa. Esta coordenação reuniu todos os quadros-resumo em um mapa geral.

Participaram 26 núcleos, distribuídos nos seguintes estados: Amazonas, Rondônia, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Distrito Federal, Tocantins, Paraná, Santa Catarina, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

RESULTADOS

Foram distribuídos 301 questionários, principalmente pela internet, já que alguns poucos que não tinham acesso à rede receberam o questionário impresso. Obtiveram-se 173 respostas (57,6%). Os principais pontos das narrativas estão apresentados abaixo.

Atividades de que gostava quando criança

As melhores atividades foram “as coisas que não pareciam escola, que não tinha de ficar quieto desenhando ou escutando contar história sem falar nada”. “As oportunidades de brincar livremente sem alguém dirigindo, mas somente coordenando.” “Quando eram consideradas as opiniões das crianças nas decisões, quando respeitavam as escolhas das crianças.” “Tudo que servisse para fazer amigos.” “O mais importante eram os amigos e as

brincadeiras legais.” “Os passeios fora do núcleo para conhecer outras pessoas e lugares.” “Uma vez fomos ao teatro e foi muito legal, ainda me lembro da peça.” “Acampamento era sempre dez.” “Festa de aniversário dos amigos.” “Uma vez fizeram um natal vivo e eu fui o burrinho.” “Adorava teatro, coisas animadas.” “Fiz meus melhores amigos quando criança no sítio e duram até hoje.” “Quando os adultos conversavam direito com a gente, isto é, quando eles escutavam a gente também.”

Atividades de que não gostava quando criança

“Não gostava das atividades de ter que sentar e ouvir história e depois desenhar. Era muito chato, porque parecia escola.” “Quando nossos pais tinham uma reunião e a gente não tinha nada para fazer, só esperar.” “Quando a gente ia a outro núcleo e não conhecia ninguém e as crianças de lá nem ligavam para a gente.” “Quando a gente levava bronca porque fazia bagunça demais.” “Quando nossos pais nos deixavam por conta dos responsáveis pelo grupo e iam fazer outra coisa o dia todo.” “Quando nossos amigos não iam no sítio.” “Quando a gente tinha que fazer uma coisa decorada.” “Quando parecia lição de casa da escola.” “Quando eu não queria ir e meus pais me obrigavam.” “Eu não sabia falar qual era minha religião na escola.” “Não gostava de bronca dos adultos.” “Quando os adultos não explicavam direito as coisas da natureza, do Vegetal, do preparo e a gente não entendia o que se passava lá.” “Dificuldades de ir a outros núcleos, quando sentia que as crianças de outro núcleo excluíam quem não era de lá.”

Atividades de que gostava quando jovem

“Acampamentos, encontro de jovens, brincadeiras de teatro, dança, arte.” “Quando a gente ia visitar outros núcleos.” “Todas as atividades que promoviam amizade, comunicação entre jovens.” “As oportunidades de fazer amigos.” “As discussões de temas polêmicos através de dinâmicas de grupo, como exemplo sexo antes do casamento, namoro, uso de bebidas alcoólicas nas festas, baladas, drogas ilícitas.” “A atividade que não impunha nada. Daí, os próprios jovens leem, tiram suas conclusões, compartilham informações, se divertem e recebem a mensagem.” “Quando a gente conhecia a natureza, as coisas do Vegetal.” “Visitar os locais de colheita de ‘Mariri e Chacrona’, para entender como é produzido o Vegetal.” “As sessões para jovens onde a gente podia falar com liberdade.” “Os encontros de

jovens eram muito legais sempre”. “Atividades ligadas a natureza e ecologia.” “Oportunidade de falar de coisas de namoro, sexo sem culpa e relacionamento entre jovens.”

Atividades de que não gostava quando jovem

“Encontros de jovens quando eram pagos, caro para a época e que saiu do contexto de reunir os jovens para conversar e se conhecer. Parecia que o evento precisava ser perfeito na alimentação, acomodação.” “Palestras longas, sem liberdade para interagir com os outros jovens.” “Dança circular ou alguma coisa muito devagar e carola.” “Quando nossos pais não sabiam o que estava acontecendo no grupo e deixavam por conta do responsável.” “Faltou ensinar como lidar com dinheiro.” “Faltaram atividades que preparassem os jovens para o mercado de trabalho.” “Faltou trabalhar com os pais para que eles aceitassem as escolhas dos filhos.” “Precisa de mais participação dos pais junto com os responsáveis pelo grupo.” “A direção do núcleo precisa se inteirar melhor do que acontece com os jovens e os pais também.” “Faltou trabalhar os pais para que aceitassem quando os filhos não querem ir ao sítio.” “Faltou abrir a cabeça dos pais para aceitarem quando o filho decide não seguir na União.” “Os pais não podem ‘terceirizar’ as responsabilidades sobre os filhos para outras pessoas na União.” “Quando os pais têm atividades no núcleo e não sabem bem o que fazer com os filhos. Falta de alguma atividade no núcleo, concomitante às atividades dos pais”.

Como você seria como responsável pelas atividades com as crianças

“Não vejo que o ensino religioso para as crianças deva ser alguma coisa parecida com uma ‘catequese’”. “Se a criança cresce em um lugar em que se sente cativada e sente segurança, isso é muito mais importante para ela ter a UDV como uma referência na vida e ter raízes caianinhas.” “Em algumas questões religiosas vejo que é mais papel dos pais esclarecerem para seus filhos quando estes são crianças, conversando e estimulando o interesse natural que as crianças possuem em descobrir e entender as coisas da vida.” “Um papel interessante que eu vejo que a UDV pode desempenhar como sociedade religiosa para a formação das crianças e jovens, é proporcionar e fortalecer um grupo e ciclo de amizades em que as crianças tenham a oportunidade de vivenciar bons momentos, aprendizados de superação, convivência e bons valores, oportunidades de serem cativadas e

de cativar.” “Na infância, ouvi poucas histórias de Jesus, acho importante apresentar Jesus às crianças.” “Precisamos reconhecer que nascemos em sociedades diferentes e pensamos diferente, educamos nossos filhos diferente.” “As atividades dirigidas não devem acontecer em todas as escalas, nem com as crianças e nem com os jovens.” “Tenho observado que os responsáveis pelas crianças e jovens que conseguem falar a mesma língua têm tido melhor aproveitamento tanto das atividades como da realização dos objetivos propostos ao lugar. Caso precisarem de ideias de atividades e maneiras de elaborá-las, estou à disposição.” “Gostaria de deixar registrado que, se possível, dar às crianças opções simultâneas de atividades, o que penso que trabalharia tanto o aspecto de espiritualidade em atividades que a criança realmente gostasse quanto a possibilidade e capacidade do futuro adulto de tomar decisões e perceber suas consequências”. “Incentivaria mais união dos jovens e até eles mesmos se interagindo com as crianças, realizando atividades.” “A importância de serem trabalhos criativos, ligados à natureza, ensinar ética, respeito e cidadania sem repetirem o modelo escolar.” “Trabalhar os pais para que não ‘terceirizem’ a orientação religiosa dos filhos, mas que façam junto com a equipe. Reunir os pais com os responsáveis pelo grupo para planejarem juntos. A família como pilar da orientação religiosa das crianças.” “Auxiliar os pais a encontrarem melhor ponto de equilíbrio entre família e religião.” “As atividades serem essencialmente criativas e divertidas, de preferência, em grupo.” “Explicar para as crianças o que fazemos nas sessões, por que bebemos o Vegetal. Explicar a proposta da UDV e do seu guia espiritual.” “Promover passeios fora do âmbito. Promover mais acampamentos.”

Como você seria como responsável pelas atividades com os jovens

“Acho importante a preocupação de evitar que os jovens de nossa instituição fiquem caretas, carolas ou fanáticos pela UDV.” “Um dia, se eu for orientar os jovens procurarei inspiração para fazer de maneira a despertar neles as constatações que os levem a sentir que têm espaço para a sua percepção das coisas, para então buscar com sinceridade a realidade.” “As sessões direcionadas para os jovens são de grande importância para os adolescentes.” “Promoveria atividades onde a interação natural entre jovens pudesse colaborar por um despertar mais fluido do interesse pelas coisas da vida espiritual.” “O abandono de



clichês ou métodos típicos de orientação de conduta e a adoção de atividades mais desprendidas, focadas em despertar uma autonomia na visão de mundo, é muito eficaz para inspirar um jovem a se dedicar ao positivo e ao autoconhecimento.” “Acho importante essa convivência dos jovens desde cedo, porque as amizades nos cativam a querer vir pra União.” “Deve haver escalas em que as crianças e jovens fiquem livres para brincar, conversar, fazer o que quiserem.” “Os jovens e crianças são o futuro da União, quanto melhor a orientação dada mais fieis aos ensinamentos do mestre eles serão. Quanto mais moral, ética e caráter aprenderem nessa fase da vida mais terão quando forem os futuros dirigentes da União. É mais fácil cultivar desde pequeno o caminho reto e a simplicidade na forma de pensar e de fazer as coisas em conformidade com os ensinamentos do mestre, do que ensinar a alguém que já tem suas convicções e seus pontos de vista já formados. Esses poderiam discutir e gerar mais dificuldades para a evolução deles.” “Pra mim vejo diferença entre um jovem que nasceu na União e cresceu na União e um jovem que veio depois, na forma de entender os ensinamentos, na forma de agir na vida, na forma de pensar na família. Mas, claro que existem casos e casos e tudo no centro espírita vai de acordo com as atitudes que os dirigentes da União tomam. Os discípulos são espelho da direção, por isso, além de trabalhar com os jovens há necessidade de ter uniformidade no caráter, na ética e na moral da direção para que não tenhamos futuros problemas.” “Incentivaria mais união dos jovens e até eles mesmos se vinculando com as crianças e realizando atividades”. “Ensinar como lidar com o dinheiro, o consumismo que existe hoje em dia. Esse é um mal que afeta os jovens em cheio. Eu traria também atividades que fossem necessárias para gerar pensamentos nos jovens de como solucionar problemas do dia a dia, assumir responsabilidades perante a sociedade.” “Trabalharia drogas lícitas e ilícitas.” “Trabalhar os pais para participarem das atividades juntos com os filhos.” “Trabalhar para não ter fanatismo, rigidez, não forçar a barra, pela liberdade de escolha das crianças e adolescentes. Trabalhar para liberar os talentos que as crianças e jovens têm.” “Respeitar o tempo de cada um. Não catequizar e nem parecer escola.” “Jovens da União não são diferentes dos outros.” “Como falar da religião fora da União para alguém não conhece.” “Sessão e encontros de jovens sempre são importantes; desenvolvem responsabilidades, interesses, motivação para a vida.” “Ensinar beneficência

para eles.” “Faria tudo igual que fizeram na minha época.” “Trabalharia com os pais para que não agissem como se a responsabilidade de orientação religiosa dos filhos fosse da instituição e não deles, em primeiro lugar.” “Alguns pais agiam ‘entregando os filhos’ como numa escola.” “Trabalharia isso: Que a atividade não venha de cima pra baixo, e que tenha participação dos jovens na elaboração das atividades. E, principalmente, ser espontâneo sem forçar a participação.” “Proporcionar atividades que desenvolvam o espírito de liderança.” “Incluir a educação financeira.” “Integrar os trabalhos com os jovens com a linha da direção do Núcleo.” “Os jovens da União não bebem, não fumam e outras coisas mais. A vida de um jovem que não é da União é de uma certa forma, tem um jeito de ser vivida, que pode deixar o jovem da União se sentindo com aquela sensação de ‘não aproveitar a vida’ ou de estar sendo ‘carola’. Por isso, é fundamental a inclusão de atividades dinâmicas, que envolvam responsabilidade e adequação ao âmbito, divertimento. Podemos ampliar as nossas atividades no meio social.”

DISCUSSÃO

Para os pesquisadores do presente estudo, esta foi a primeira experiência de investigação em que se usou entrevistas por meio da internet. Os autores declaram não ter notícias de outras pesquisas sobre narrativas de vivências religiosas desenvolvidas com esse meio no Brasil. Esta investigação teve como meta testar o instrumento, ver o potencial de resposta dos sujeitos pesquisados, propiciar experiência ao grupo de estudiosos, criar condições de desenvolver futuras pesquisas ampliadas com base no estudo preliminar e produzir conhecimentos sobre o campo.

Usaram-se para isso alguns conceitos teóricos, tais como, a ideia de Paulo Freire de acordo com a qual pesquisar é, inicialmente, aceitar que é necessário aprender a perguntar. Esse aprendizado implica compreender que o processo somente se inicia no campo da tolerância ao diferente e se completa na aceitação das respostas que não correspondem ao esperado, isto é, que não contemplam as intencionalidades construídas junto à pergunta.¹⁰

Iniciar um projeto de pesquisa é selecionar uma pergunta, dentre várias que se podem fazer sobre um mesmo tema, seja teórica ou teórico-prática. É importante que a pergunta central esteja claramente definida, seja simples e ponderada, contenha uma questão interessante que motive os envolvidos, não

induza a uma resposta, mas proponha uma reflexão, para aqueles que forem participar do projeto se beneficiarem do trabalho.

Para esta pesquisa buscou-se selecionar perguntas que fossem claras o suficiente para que os sujeitos pesquisados, na comunicação por e-mail, se sentissem vinculados aos pesquisadores. Que os motivassem a compartilhar suas memórias com o coletivo. A intenção era que os entrevistados se beneficiassem ao escrever, no sentido de rever a própria história. Segundo se acredita, cada vez que uma pessoa conta sua história toma contato com aspectos novos da narrativa. Contar é, portanto, um instrumento de transformação.

Foi preciso que os pesquisadores deste estudo se estruturassem no sentido de ampliar a capacidade de tolerância com as diferentes respostas. Muitas narrativas surpreenderam. Não houve a possibilidade de argumentar, de devolver as inquietações questionando novamente, criando uma réplica esclarecedora. Por ser uma primeira pesquisa, optou-se por contato único de entrevista.

Quanto a memória e narrativa, encontra-se na filosofia do historiador Benjamin¹¹ que memória não é só ir atrás do tempo perdido, é visitar o passado em busca do amanhã, é a possibilidade de, em uma viagem rememorativa, reativar um compromisso social, portanto político, no sentido de construção do social, do presente individual e coletivo. Memória é a capacidade de entrar em contato com o inconsciente, voluntariamente e involuntariamente. Para Benjamin,¹¹ a memória é recurso singular de participação no âmbito coletivo, é a possibilidade de sermos autores da construção de um mundo melhor, pois ao visitar o passado pode-se ver aquilo que teria feito, da nossa história, uma outra história. A memória e a narrativa histórica permitem que homens e mulheres tenham uma existência humana na qualidade de pronunciantes do mundo, pois não é no silêncio, mas na palavra que o homem se faz – e o diálogo é a vinculação entre homens.¹²

Relembrando a pergunta básica que norteou a investigação: “Como você conta sua experiência religiosa vivida na infância e ou adolescência no âmbito do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal?” – as outras perguntas tiveram o caráter de desdobramento da pergunta inicial.

Pela percentagem de respostas obtidas, os autores consideraram que o presentetrabalho veio ao encontro da vontade dos sujeitos de serem ouvidos em suas narrativas e que contribuíram com o coletivo

na produção de conhecimentos sobre a infância e adolescência na comunidade.

A maioria dos respondentes declarou ter mais boas lembranças do que lembranças difíceis. Alguns corajosos depoimentos trouxeram pontos importantes de reflexão. Em torno de 10% disseram que não mudariam nada do que viveram porque consideram sua experiência muito boa. Mas a maioria, apesar de considerar bom o que viveu, reinventaria as propostas para as crianças e os adolescentes.

Hoje, muitos dos sujeitos desta investigação são pais e mães de crianças e jovens que participam da instituição. Esse fato marca consideravelmente a disponibilidade em participar, justifica a profusão de ideias criativas “caso fosse, hoje, o responsável pelas crianças e jovens”. Somente três respostas foram de pessoas que não frequentam hoje a instituição.

Interessante notar que 90% dos sujeitos responderam que mudariam muitas atividades que viveram na infância e na adolescência, mesmo tendo considerado boas suas experiências. Demonstram interesse, disponibilidade, certa consciência crítica sobre o planejamento da época em que foram crianças e ou jovens. O aspecto mais apontado foi a pouca integração entre pais, equipe e direção do núcleo no planejamento das atividades.

Recomendam veementemente que os trabalhos com crianças e jovens devam ser planejados em grupo, com pais, responsáveis e jovens opinando e sendo levados em consideração. Ao mesmo tempo, sugerem que os jovens sejam livres para escolher, decidir, opinar e que os pais sejam trabalhados para que aceitem as escolhas do filho caso ele queira outra religião.

Como pais de hoje, os sujeitos falam das próprias necessidades, enxergam fragilidades no seu desempenho como pais. Quando se aprende um papel, aprende-se também seu contrapapel. Portanto, ao viverem o papel de filho aprenderam o de pai e mãe ao mesmo tempo. Não querem repetir as falhas dos pais. Os pontos mais fortes de mudanças se referem às relações entre pais, filhos e instituições. Não deixar que a caretice, o fanatismo, a rigidez substituam a flexibilidade, a fraternidade, as possibilidades de tolerância com o diferente, é uma das preocupações declaradas. Aprender a lidar com dinheiro, preparar-se para vida profissional, para ser cidadão participativo que se relacione com a natureza, com as pessoas, com o espiritual, para eles é a meta da orientação espiritual que propõem como modelo.

Percebem que as atividades mais importantes



são as de formação de vínculos entre as crianças e entre jovens. Fazer amigos é o que define “se foi boa a atividade, se foi bom o dia no núcleo”. Brincar, jogar, criar artes, reunir, conhecer, descobrir possibilidades de gostar e ser escolhido é que foi considerado como a experiência religiosa marcante na vida da criança e do jovem.

A visão reflexiva das narrativas confirma que o campo é propício para outras pesquisas. Esta investigação preliminar será norteadora de uma nova e mais ampla que confirme ou confronte esses resultados. Os sujeitos, possivelmente, sentiram-se à vontade para opinar, em reavaliar as próprias experiências de vida por ser uma pesquisa interna, o que fala positivamente a favor dessa etapa preliminar. Propondo sentidos e ações. Assinam as narrativas o que amplia o compromisso com o que escrevem.

Em conclusão, espera-se que ao trazer novos conhecimentos sobre a orientação religiosa e espiritual em fase importante do desenvolvimento do ser humano, estes provoquem novas reflexões sobre a arte de educar crianças e jovens no caminho da construção de um mundo melhor – a construção ativa da paz.

CONFLITOS DE INTERESSES

Nada a declarar pelos autores.

Texto

REFERÊNCIAS

- 1- Carter B, Mcgoldrick M. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.
- 2- Pires F. Tornando-se adulto: uma abordagem antropológica sobre as crianças e religião. *Relig soc.* 2010;30:143-64.
- 3- Motta JC. Jogos: repetição ou criação? Abordagem psicodramática. São Paulo: Ágora; 2002.
- 4- CEBUDV. Consolidação das leis do Centro Espírita Beneficente União do Vegetal. Sede Geral, Brasília, 3.^a edição, 1994.
- 5- Gentil L, Gentil H. O uso de psicoativos em um contexto religioso: a União do Vegetal. In: Labate B e Araujo W. (orgs.) O uso ritual da Ayahuasca. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp; 2002. p. 513-24.
- 6- Motta JC, Gentil L. Memórias: uma breve narrativa baseada no acervo de depoimentos com mestres da origem da União do Vegetal – UDV, 2009 (mimeo).
- 7- Brito G. Farmacologia humana da Hoasca (chá preparado de plantas alucinógenas usado em contexto ritual no Brasil). In: Labate B e Araujo W (orgs.) O uso ritual da Ayahuasca. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp; 2002. p. 577-604.
- 8- Grob CS, McKenna DJ, Callaway JC, Brito GS, Neves ES, Oberlaender G, et al. Farmacologia humana da Hoasca: efeitos psicológicos. In: Labate B e Araujo W (orgs.) O uso ritual da Ayahuasca. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp; 2002. p. 605-30.
- 9- Santos RG. The pharmacology of ayahuasca: a review. *Brasília Med.* 2010;47:187-94.
- 10- Freire P, Faúndez A. Por uma pedagogia da pergunta. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1985:27.
- 11- Benjamin W. Obras Escolhidas. Volume I (Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura), 2.^a ed., São Paulo: Brasiliense; 1986.
- 12- Motta JC. Psicologia e o mundo do trabalho no Brasil: relações, história e memórias. São Paulo: Ágora; 2005